

Pesquisa Qualitativa e Estudos Organizacionais: história, abordagens e perspectivas futuras

Rafael Fernandes de Mesquita¹
Fatima Regina Ney Matos²

Resumo

As abordagens qualitativas de pesquisa têm o cerne de sua formação nas ciências sociais e humanas e sua atual aplicação em diversas áreas do conhecimento, incluindo as ciências administrativas. Sua história de desenvolvimento é constantemente marcada, de um lado, por questionamentos, críticas e adversidades paradigmáticas e, de outro, por ganhar legitimidade e força advindas daqueles que fazem bom uso dos seus métodos e técnicas. Este breve ensaio teórico tem por objetivo geral expor, a partir de seus aspectos históricos e principais características, o sentido da abordagem qualitativa de pesquisa, suas tipologias, aspectos que caracterizam uma possível dicotomia entre essa e a abordagem quantitativa, elucidando alguns benefícios da complementaridade e triangulação, bem como algumas dificuldades em realiza-las, sua aplicabilidade aos estudos organizacionais e algumas perspectivas futuras. Almeja-se que as contribuições deste trabalho sejam refletidas na promoção e impulso de seus métodos e de suas técnicas, notadamente às inovações metodológicas a que estão diante toda a comunidade científica de modo geral. Como principais considerações têm-se a continuidade do debate aqui proposto e o fortalecimento das metodologias qualitativas, neste campo do conhecimento, à medida que são aperfeiçoados na prática diária de pesquisadores.

Palavras-chave: Metodologia Científica; Pesquisa Qualitativa; Estudos Organizacionais.

Introdução

A pesquisa qualitativa, por meio dos seus métodos e técnicas de coleta e análise dos dados obtidos empiricamente, proporciona opulentas e compensadoras explorações no campo de estudo das ciências sociais, nas quais se incluem as ciências administrativas e os estudos organizacionais, abrindo espaço para pesquisadores que “consideravam suas tradições disciplinares restritas e limitadoras” (GERGEN; GERGEN, 2006, p.367), além de sua heterogeneidade e flexibilidade, que acomodam tanto aspectos para constante evolução como podem obscurecer uma definição clara e precisa de seu panorama (FLICK, 2004).

Neste contexto, Minayo e Sanches (1993) trazem à tona um debate iniciado na década de 1930 em que a pesquisa qualitativa, considerada pré-científica, jornalística ou relacionada

¹ UNIFOR

² UNIFOR

às subjetividades do investigador, recebia críticas especialmente devidas à sua corrente contrária a muitos dos pressupostos da epistemologia funcionalista/positivista. Os autores afirmam que a discussão não encerrou àquela época e permanece atual na reflexão sobre abordagens metodológicas das ciências sociais.

Os estudos organizacionais, por sua vez, entram em contato direto com a abordagem qualitativa e fazem uso dos seus diversos meios de obter resultados científicos nesse campo ainda em desenvolvimento. Característica que também implica a emergência de novos métodos e técnicas, a não identificação de um procedimento específico que aponte facilmente o *modus operandi* dessa ciência e as inúmeras possibilidades de desenvolvimento positivo desta área.

Deste modo, o presente ensaio teórico tem como objetivo capital expor, a partir de seus aspectos históricos e principais características, o sentido da abordagem qualitativa de pesquisa, suas tipologias, aspectos que caracterizam uma possível dicotomia entre essa e a abordagem quantitativa, elucidando os benefícios da complementaridade e triangulação, sua aplicabilidade aos estudos organizacionais em conformidade com a literatura especializada e suas perspectivas futuras.

Espera-se que as contribuições deste ensaio sejam refletidas na promoção e impulsão de seus métodos e de suas técnicas, notadamente às inovações metodológicas a que estão diante toda a comunidade científica de modo geral, permitindo uma evolução constante da pesquisa qualitativa como instrumento de ciência nos campos da administração.

1 Aspectos Históricos e Características da Pesquisa Qualitativa

Foi com a Escola de Chicago, em meados das décadas de 1920 e 1930, que a investigação qualitativa ganhou relevância nos estudos científicos, ao mesmo tempo em que, na antropologia, definiam-se métodos de pesquisa em campo, em que o observador saía de seu cenário em busca de estudar culturas estranhas à sua. Em período curto de tempo, a abordagem qualitativa passou a ser empregada em outros ramos da ciência social e, à medida que evoluía, modificava ou acrescia a seus paradigmas e posturas, algumas características peculiares (DENZIN; LINCOLN, 2006).

A natureza socialmente construída da realidade (BERGER; LUCKMANN, 1998) e a relação íntima entre pesquisador e objeto investigado, são algumas das características da pesquisa qualitativa para Denzin e Lincoln (2006). Para Merriam (1998), esta abordagem, cujo foco incide sobre o sentido no contexto, requer um instrumento de coleta de dados que é sensível ao significado subjacente ao coletar dados e interpretá-los e os seres humanos são os elementos desta atividade, considerando que entrevistar, observar e analisar são as atividades centrais deste tipo de pesquisa. Os pesquisadores que adotam esta perspectiva buscam elucidar o significado que as pessoas atribuem ao seu mundo, à suas experiências (MINAYO, 2004).

Merriam (1998) considera que, dentre as variedades de abordagens e seus métodos decorrentes, o investigador necessita questionar-se sobre sua posição antes de definir o estudo qualitativo para o seu objeto de pesquisa. Esta posição é delineada por algumas questões, tais como: “o que você pensa a respeito da natureza da realidade, sobre conhecimento e sobre a produção de conhecimento”? (MERRIAM, 1998, p. 3). São posições ontológicas, epistemológicas e metodológicas que situam filosoficamente o indivíduo pesquisador e que

orientam sua investigação. Há necessidade de adequação da abordagem metodológica a esta postura, pois algumas habilidades próprias do indivíduo serão peças fundamentais na resolução de quebra-cabeças que a atividade científica coloca àqueles que nela engendram.

A divisão em sete momentos históricos da pesquisa qualitativa, proposta por Denzin e Lincoln (2006) para o cenário norte-americano, deslinda a constituição do campo de investigação nesta abordagem, sendo eles: o tradicional (1900-1950); o modernista ou a era dourada (1950-1970); gêneros obscuros (1970-1986); crise da representação (1986-1990); pós-moderno (1990-1995); investigação pós-experimental (1995-2000); e o futuro que é o período atual. Contudo, os autores afirmam que cada um desses momentos ainda está em ação nos dias de hoje e “as múltiplas e fragmentadas histórias da pesquisa qualitativa agora possibilitam que qualquer pesquisador vincule um projeto a um texto canônico de qualquer um dos momentos descritos” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 32).

Durante o período tradicional, o pesquisador era externo ao ambiente investigado, no sentido do “ser” estranho ao campo que dele retornava com histórias sobre culturas e povos diferentes. Eram relatos que buscavam ser objetivos, refletindo o paradigma positivista. A fase modernista foi caracterizada por um momento de efervescência criativa e tentava tornar a pesquisa qualitativa tão rigorosa quanto à quantitativa: as entrevistas abertas e quase estruturadas à observação participante e a análise dos dados em moldes estatísticos, em vias de padronização (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Os gêneros, ou estilos, obscuros emergem de um cenário de pluralidade de métodos, técnicas, paradigmas e estratégias, em que a preocupação se volta à uma perspectiva mais aberta, tendo como partida as representações culturais e seus significados. As descrições densas de certos eventos, rituais e costumes abrem esse caminho que percorre uma diáspora de gêneros: “documentários sendo interpretados como ficção, parábolas que fazem passar por etnografias, tratados teóricos que parecem diários de viagem” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 30). A ruptura deste modelo é denominada crise de representação, em que a pesquisa se torna mais reflexiva e coloca em dúvida questões de gênero, classe e raça e as epistemologias críticas, feministas e não-brancas competem por atenção.

O quinto momento, o período pós-moderno, empenha-se em entender as crises de representação, abandona o conceito do observador distante, busca diferentes maneiras de representar o “outro” e as teorias de grande escala passam a ser substituídas por teorias de pequena escala, ajustadas aos problemas locais e situações particulares. O período pós-experimental procura vincular os escritos científicos “às necessidades de uma sociedade democrática livre” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 32).

Merriam (1998) aponta três principais orientações à pesquisa, conjugando-as em positivistas, interpretativas e críticas. A primeira de orientação quantitativa, em que a realidade é estável, observável e mensurável. A seguinte, de orientação qualitativa, representa-se com o objeto de estudo como um processo, a compreensão de uma experiência viva e em constituição, instável, em que o conhecimento é obtido por meio da indução e as múltiplas realidades são construídas por indivíduos. A pesquisa crítica tem como objeto a instituição social formatada pela reprodução e transformação social e cultural, enquanto critica ideologicamente o poder, privilégios e opressões. Alguns desses estudos têm componentes de ação. Sobre esta perspectiva crítica, a autora complementa que o investigador pode ter interesse em como uma instituição social pode ser estruturada a partir da perpetuação e preservação dos interesses de determinados membros ou classes sociais à custa de outros.

Esta crítica, o sétimo momento da pesquisa qualitativa para Denzin e Lincoln (2006, p. 16), é considerada o momento atual da pesquisa, em que as ciências sociais e as humanidades tornem-se terrenos de debate críticos em torno “da democracia, da raça, do gênero, da classe, dos Estados-nações, da globalização, da liberdade e da comunidade”. Além de tentar relacionar a investigação qualitativa às “esperanças, às necessidades, aos objetivos e às promessas de uma sociedade democrática livre” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Apesar do contraste claramente evidenciado entre alguns paradigmas de pesquisa, eles “estão começando a se mesclar de tal maneira que dois teóricos, que antes imaginávamos viverem um conflito irreconciliável, agora, sob uma rubrica teórica diferente, podem nos dar a impressão de que um está prestando informações aos argumentos do outro” (LINCOLN; GUBA, 2006, p. 170). A escolha entre um ou outro paradigma perpassa questões que devem ser aclaradas, tais como a axiologia, valores ou crenças que o pesquisador tem inerentes à sua personalidade, fundamentalmente associadas ao processo de investigação na escolha do problema, do paradigma, do esquema teórico, dos principais métodos, instrumentos de coleta e análise dos dados, do contexto e do formato da apresentação dos resultados da investigação (LINCOLN; GUBA, 2006).

Algumas características são essencialmente atribuídas às pesquisas qualitativas. Merriam (1998) indica, dentre esse conjunto de atributos: o pesquisador como principal instrumento de coleta de dados e de sua análise; esta abordagem usualmente envolve a pesquisa em campo empírico; primeiramente se emprega a estratégia de indução, em que se constroem abstrações, conceitos, hipóteses ou teorias preferencialmente à testar teorias existentes; o produto resultado de uma pesquisa deste tipo é ricamente descritivo; é emergente e flexível, à medida que responde às mudanças de condições durante o progresso do estudo; a amostra selecionada é pequena, intencional; e o investigador desprende um longo período de tempo no campo em contato com o objeto investigado.

A natureza indutiva da investigação qualitativa enfatiza a importância de estar aberto a tudo o que se possa apreender, desta forma, há necessidade de organizar a complexidade da experiência do contato com o campo, conforme Patton (2002) afirma, o que seria um pré-requisito à própria percepção do investigador, além de afirmar que a pesquisa qualitativa completa é aquela que envolve observação, entrevistas e análise documental. Esta organização e outras características compõem um perfil desejável do investigador qualitativo.

A esse pesquisador também são necessários alguns atributos, tais como à pesquisa nesta abordagem e em complementaridade às suas características. Não há regras formalizadas e bem desenhadas para o estudo qualitativo, apesar de diversidade de métodos, ou mesmo por isso. Desta forma, o pesquisador precisa possuir tolerância para a ambiguidade de possibilidades, pois deve reconhecer a melhor forma de prosseguir, que nem sempre será a óbvia; sensibilidade, ou ser bastante intuitivo; um bom comunicador e mesmo um ótimo escritor, visto que relatará seus achados em forma de textos, o que envolve mais do que habilidades orais (MERRIAM, 1998). Neste sentido, contribuem Denzin e Lincoln (2006, p. 25) enquanto afirmam que “os pesquisadores qualitativos acreditam que descrições ricas do mundo social são valiosas”.

2 O Sentido da Abordagem Qualitativa

Como Popper (1999, p. 42) afirma, “toda ciência e toda filosofia são senso comum esclarecido”, todos devem ter o mesmo ponto partida. Para Geertz (1997, p. 114), o senso comum é uma “dimensão da cultura que não é normalmente considerada um de seus compartimentos organizados”, mas que tem sua relevância e deve ser considerado na construção do conhecimento científico. Neste sentido, Minayo (2004, p. 17) corrobora afirmando que “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” e a ciência é cumulativa à medida que “toda investigação é uma tentativa para resolver um problema um problema decorrente da solução de problema anterior” (TEIXEIRA, 2003, p. 179).

A pesquisa científica tem por atividade principal a investigação e construção da realidade e o território de conhecimento do senso comum pode fornecer as mais diversas indagações. Questioná-lo e pô-lo à prova corresponde a fazê-lo ciência (POPPER, 1999). “A religião baseia seus argumentos na revelação, a ciência na metodologia, a ideologia na paixão moral; os argumentos do senso comum, porém, não se baseiam em coisa alguma, a não ser a vida como um todo” (GEERTZ, 1997, p. 114).

A preocupação com o conhecimento da realidade sempre foi uma constante para o homo sapiens (MINAYO, 2004). Contudo, o que se tem dessa realidade, em termos de senso comum é um fenômeno presumido, à medida que é não analisado, pois aqueles que creem em seus fundamentos têm certeza de seu valor e de sua validade, não necessitando questionarem-se a este respeito (GEERTZ, 1997).

Porém, nem a ciência é detentora da realidade única e verdadeira. O campo científico é uma construção no intuito de solucionar os problemas que despertam o interesse do pesquisador e “a ciência é apenas uma forma de expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva” (MINAYO, 2004, p. 10). Creditar toda verdade à ciência é torná-la senso comum, imiscuí-la de valores e validades à toda prova, tornando-a, por sua hegemonia, “um novo mito, por sua pretensão de único promotor e critério de verdade” (MINAYO, 2004, p. 10).

Ao deixar-se de questionar, o ser humano racional, ou o cientista, corre o risco de cair nas armadilhas do bom senso, tal como Geertz (1997, p. 127) caracteriza: “o bom senso é tão autoritário quanto qualquer outro: nenhuma religião é mais dogmática, nenhuma ciência mais ambiciosa, nenhuma filosofia mais abrangente”. O autor, para referir-se a esta estrutura de pensamento, define algumas propriedades, tais como: a **naturalidade**, pois aquilo é o que é por ser naturalmente assim; a **praticidade**, pois quando falta bom senso é porque algo não é prático; a **leveza**, pela sua superficialidade; e a **acessibilidade**, uma presunção de captar as conclusões mais verossímeis pela observação mais acessível ou prática.

Mesmo o campo da ciência deve ser contestado e, por isso, talvez, seja cenário de tantos conflitos e contradições enquanto evolui e utiliza-se de novos métodos, teorias, abordagens, perspectivas, paradigmas e objetos de estudo. Daí se extrai o embate entre a cientificidade das ciências sociais – especialmente em seus estudos externos ao laboratório, no ambiente social e às pesquisas qualitativas, alternativas à orientação funcionalista/positivista – em comparação com as ciências da natureza, pela sua objetivação própria (MINAYO, 2004).

O objeto das ciências sociais é investigado de outra forma, ainda que o ser humano possa ser, também, e o é, objeto de estudo das ciências naturais. Conforme Minayo (2004, p. 13), as ciências sociais são históricas, pelo fato das “sociedades humanas existirem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas” e, assim, possuem

consciência histórica, uma identidade entre sujeito e objeto e intrinsecamente e extrinsecamente ideológica, além de ser essencialmente qualitativa.

Não fossem as revoluções, no sentido apresentado por Kuhn (2005), ou as fugas às regras, na proposição de Feyerabend (2007), talvez as ciências ainda fossem, somente, positivistas, naturais e com poucas opções de métodos e técnicas para validar seus experimentos. “Originalmente, no início da pesquisa empírica em várias disciplinas, havia mais questões a serem estudadas do que métodos para usar” (FLICK, 2009, p. 18-19). Assim, a pesquisa qualitativa torna-se uma alternativa à hegemonia funcionalista e um espaço aberto para evolução e progresso da ciência.

3 Tipologias da Pesquisa Qualitativa

A fim de caracterizar as tipologias em pesquisa qualitativa e suas principais estratégias, faz-se mister voltar a discussão paradigmática que envolve tanto o campo das ciências sociais como o dos estudos organizacionais. Assim, por mais que a predominância tenha sido de ortodoxia funcionalista, emanada do positivismo de Augusto Comte e associada ao *mainstream* norte-americano, o campo de estudo das ciências da administração de empresas tem acrescido aos seus fundamentos epistemológicos, outras vertentes, tais como o interpretacionismo, a crítica e o pós-modernismo, especialmente em contraposição à hegemonia funcionalista (VERGARA; CALDAS, 2005).

A abordagem interpretacionista emerge neste contexto como um aporte àquelas pesquisas que tentam abrir espaço em um campo de conhecimento que, essencialmente, tem formado pesquisadores que não conhecem outras metodologias, senão as que se adequam a este objetivismo funcionalista. Contudo, mesmo os que optam pela abordagem crítica ou pós-moderna conhecem a dificuldade de adentrar este campo em formação (VIEIRA; CALDAS, 2006).

Desta forma, a orientação de escolha e definição da metodologia de pesquisa, conforme Teixeira (2003, p. 181) deve seguir algumas orientações que se apoiam, principalmente, em suposições ontológicas, epistemológicas e de natureza humana, destacando-se que o desafio do cientista “é de construir conhecimento científico, num perspectiva filosófica que reconheça e privilegie as características inerentes a essas ciências”.

Assim, para a organização da pesquisa, independentemente de ser qualitativa ou não, há de se adotar orientações filosóficas e “as raízes da pesquisa qualitativa estão na fenomenologia e na interação simbólica” (TEIXEIRA, 2003, p. 183), ambas com uma perspectiva de mundo e realidade não objetivos, mas socialmente construídos e que recebem significados distintos a partir do homem. Esta visão de mundo é contrária ao positivismo, que vê a realidade social como externa ao homem, mensurável, estável e com propriedades medidas por meio de métodos objetivos.

Os fenomenologistas buscam “compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para pessoas vulgares, em situações particulares”, “uma compreensão interpretativa das interações humanas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 53), onde se enfatiza o componente subjetivo. O interacionismo simbólico é compatível com a perspectiva fenomenológica, pois “nem os objetos, nem as pessoas, situações ou acontecimentos são dotados de significado próprio: ao invés, o significado é-lhes atribuído” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 55) e busca “desvendar as ações, os sentidos que orientam as ações, a

interação social da qual emergem os sentidos e as formas como as pessoas interpretam as coisas e, com base nessa interpretação, modificam os sentidos” (VERGARA; CALDAS, 2005, p. 69).

A pesquisa qualitativa reúne cinco características basilares e fundamentais, para Bogdan e Biklen (1994), apesar de nem todos os estudos abrangeram todas elas em mesmo grau, sendo alguns deles desprovidos de determinados aspectos. São elas: (i) a constituição do investigador como principal instrumento de coleta de dados em ambiente natural, principal fonte desses estudos; (ii) investigação essencialmente descritiva; (iii) interesse maior pelos processos que pelos resultados ou produtos; (iv) análise de dados que tende a ser realizada indutivamente; (v) e o significado das pessoas investigadas é extremamente relevante.

Dentre os estudos qualitativos, aqueles mais comuns, por serem mais conhecidos e utilizados, são o estudo de caso, a etnografia e a pesquisa documental (GODOY, 1995), apesar de, pela sua flexibilidade, não excluïrem outras possibilidades de estratégias. A pesquisa documental constitui-se como abordagem, pois os documentos são uma rica fonte de informações e por permitir “o estudo de pessoas às quais não temos acesso físico, porque não estão mais vivas ou problemas de distância” e, portanto, “não há perigo de alteração do comportamento dos sujeitos sob investigação” (GODOY, 1995, p. 22). Porém, esta estratégia não abrange todos os aspectos básicos de um estudo qualitativo e pode funcionar uma técnica complementar a outras, tais como entrevistas e observação.

O estudo de caso é a tipologia em que o objeto é uma unidade analisada em profundidade e possui como técnicas de pesquisa, principalmente, a entrevista e a observação e, se forem usados dados estatísticos, o seu tratamento não é sofisticado. “Os dados devem ser coletados no local onde eventos e fenômenos que estão sendo estudados naturalmente acontecem, incluindo entrevistas, observações, análise de documentos e, se necessário, medidas estatísticas” (GODOY, 1995, p. 27).

Na pesquisa qualitativa, essencialmente, não se busca generalizar ou inferir dados de amostras a populações, mas há possibilidades de proporcionar uma generalização analítica, uma contribuição significativa à formação do conhecimento, por meio da expansão dos campos teóricos à medida que a investigação compara os padrões de uma teoria previamente desenvolvida com os resultados empíricos do caso, podendo testá-la, confirmando, desafiando ou ampliando-a (YIN, 2010). Ainda neste sentido, Einsenhardt (1995) desenvolve um roteiro para a construção de teorias a partir de estudos de caso, pois a construção teórica seria a atividade principal dos estudos organizacionais, mesmo reconhecendo as limitações deste processo.

A etnografia é característica dos estudos antropológicos, mas vem despertando interesse nos estudos organizacionais especialmente nos estudos sobre cultura organizacional, conforme afirma Godoy (1995, p. 28), e esta tipologia é caracterizada pela “descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo” e “a interpretação do significado desses eventos para a cultura de um grupo”. Os dados são coletados, principalmente, por meio de observação participante e este trabalho de imersão no campo investigado é sua característica essencial, assim como a análise que não é exclusivamente posterior à coleta, mas acontece durante toda a pesquisa.

4 Dicotomia Quantitativo-Qualitativo?

Por mais que o objeto de estudo deste trabalho seja a pesquisa qualitativa, mais especificamente sua aplicabilidade aos estudos organizacionais, esta abordagem, é usualmente colocada em oposição à quantitativa, por seus diversos aspectos que as diferenciam. “Ao revisar a literatura sobre a pesquisa qualitativa, o que chama a atenção imediata é o fato de que, frequentemente, a pesquisa qualitativa não está sendo definida por si só, mas em contraponto a pesquisa quantitativa” (GÜNTHER, 2006, p. 202) ao tempo em que “muitos pesquisadores assumem que há um enorme abismo não só entre as ciências naturais e as ciências sociais, mas entre a pesquisa social qualitativa e a pesquisa social quantitativa” (SIVERMAN, 2009, p. 248).

Minayo e Sanches (1993), apesar de terem suas posições previamente definidas na introdução do seu estudo, em relação às suas abordagens de pesquisa, uma preferencialmente qualitativa e outro que faz uso de metodologias quantitativas, relativizam esta escolha a alguns fatores, pois a escolha entre uma ou outra abordagem depende de diversos aspectos intrínsecos ao pesquisador, ao objeto de estudo, à questão de pesquisa e, até mesmo, à realidade empírica.

O pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. Do ponto de vista prático existem razões de ordens diversas que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem ou outra. (GÜNTHER, 2006, p. 202).

A pesquisa qualitativa possui alguns atributos que aproximam sujeito e objeto, uma intimidade em que o social é visto “como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem comum ou a ‘fala’ como a matéria-prima” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 240). Neste sentido, a abordagem quantitativa pode não abarcar a complexidade do fenômeno ou a realidade observada e, assim, atuar em complementaridade, sempre que isso for possível, em conformidade com a investigação.

Neste sentido, a evolução do conhecimento é difícil de ser acompanhada, pois o sujeito da pesquisa qualitativa e objeto de sua investigação estão sempre variando e em permanente construção social, sua complexidade é maior que àqueles investigados pelas ciências exatas, uma das potencialidades da abordagem qualitativa e limite da investigação quantitativa. “O positivismo não nega os significados, mas recusa-se a trabalhar com eles, tratando-os como uma realidade incapaz de se abordar cientificamente” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244).

Para Flick (2009, p. 16-17), a pesquisa qualitativa, inicialmente, era usada em forma de alternativa à abordagem quantitativa, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. O autor posiciona as duas metodologias em contraposição e afirma que, “em níveis epistemológicos e de metodologia” torna-se difícil combiná-las e, apesar de não categorizar esse óbice como impossível, demonstra as dificuldades de “formular essa definição de forma genérica”.

Conquanto à cientificidade, “do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra” e “a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade, não se reduz a um *continuum*, ela não pode ser pensada como oposição contraditória” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247). Um estudo que utiliza uma abordagem pode criar a necessidade de aprofundamento em outra, questões qualitativas podem ser aprofundadas quantitativamente e o contrário também é válido.

Günther (2006) alerta para incomensurabilidade paradigmática de escolha entre abordagens, enquanto justifica essa posição apontando uma falta de harmonia entre algumas posições de paradigmas, na escolha do método adequado para a pergunta que se estuda e nas

competências específicas do pesquisador, no que corroboram Minayo e Sanches (1993, p. 247) “do que adianta o investigador utilizar instrumentos altamente sofisticados de mensuração quando estes não se adequam à compreensão de seus dados ou não respondem a perguntas fundamentais”?

Desta forma, o posicionamento entre as duas abordagens não seria dicotômico, mas uma questão de adequação, o que possibilitaria, também, a definição de um estudo com as duas metodologias associadas com a finalidade de contribuição para a compreensão mais profunda do fenômeno analisado. Esse uso de múltiplas abordagens, métodos e técnicas é denominado triangulação (COLLIS; HUSSEY, 2005; DENZIN; LINCOLN, 2006; MINAYO, 2004) e pode ser usado de forma a enriquecer o trabalho confrontando os resultados obtidos em cada um dos procedimentos.

5 Aplicabilidade aos Estudos Organizacionais

Situar a pesquisa qualitativa nas ciências sociais torna-se essencial ao entendimento de sua aplicabilidade aos estudos organizacionais, pois as ciências administrativas compõem um campo de estudo social aplicado. Campo que comporta múltiplas abordagens, tantas que se torna difícil elencar as técnicas predominantemente utilizadas, tal como assegura Ikeda (2009), comparando a outras áreas comumente conhecidas pelas suas formas de pesquisar, tais como a arqueologia e a antropologia, para não citar outras.

Apesar dessa característica, Godoy (2006) aponta o estudo de caso como uma das mais utilizadas estratégias de pesquisa qualitativa em estudos organizacionais, concordando que há outras estratégias também muito utilizadas, e Stake (2000, p. 435) diz que “estudos de caso têm se tornado uma das formas mais comuns de se realizar a investigação qualitativa”. Ambos afirmam que este método, por mais usual que seja, deve seguir critérios rígidos que visam garantir a profundidade do trabalho e uma maior validade das informações prestadas, assim como toda forma de pesquisa, o que não exclui as abordagens quantitativas ou qualitativas.

Assim, surgem diversas preocupações, como a discutida por Villardi e Vergara (2011, p. 804) visto que a pesquisa qualitativa “parece estar ganhando espaço e contribuindo para o acervo do conhecimento em administração”, mas “poucos examinam as habilidades e os processos que facilitam o desenvolvimento de gerentes e pesquisadores organizacionais, bem como o conhecimento necessário à produção de pesquisa qualitativa de qualidade” (VILLARDI; VERGARA, 2011, p. 804). Os que fazem baseiam-se nas vantagens de cada metodologia ou expõem contextos filosóficos que fundamentam as abordagens, levando os pesquisadores em formação a questionar suas crenças e posturas filosóficas, conforme as autoras.

Toda essa discussão vai ao encontro da abertura de espaços e preenchimento de lacunas na formação de pesquisadores novos e nas pesquisas realizadas por aqueles que apresentam pouca relutância às metodologias qualitativas, pois emergem novos paradigmas, novos contextos organizacionais e sujeitos que podem contribuir à ciência se investigados em profundidade. A busca por aspectos não acessíveis às análises quantitativas traz à tona a complexidade e oportunidade de desenvolvimento dos estudos organizacionais à luz de uma abordagem que possibilite este resultado.

Ikeda (2009) argumenta que há possibilidades ainda não aproveitadas da pesquisa qualitativa na área de administração, especialmente pela resistência dos grupos universitários

e escolas de negócios e da evolução das análises estatísticas, mas ela fornece diferentes e poderosas ferramentas para este campo do conhecimento e está cada vez mais sendo legitimada pelos pesquisadores de organizações. Além disso, a autora propõe algumas razões para sua utilização: a pesquisa de situações complexas, o ponto de vista ser aquele do informante, diversas interpretações e revelação do que pode estar escondido nos dados estatísticos.

6 Perspectivas Futuras para a Pesquisa Qualitativa

Nesta seção são apresentadas algumas perspectivas no que tange ao futuro da pesquisa qualitativa conforme especialistas nesta abordagem metodológica. O primeiro aspecto apresentado é referente ao uso de *softwares* de apoio à investigação científica que, apesar de serem mais conhecidos os pacotes estatísticos usados nas abordagens quantitativas, têm participação crescente no auxílio à análise qualitativa (BANDEIRA-DE-MELO, 2010).

A análise qualitativa pode ser apoiada no uso de *softwares* específicos que auxiliam o trabalho do pesquisador enquanto organizam sua base de dados empíricos, mas a compreensão de sentidos e a interpretação textual, bem como a análise qualitativa em si são atividades exclusivas do ser humano (BANDEIRA-DE-MELO, 2010; KELLE, 2012). O computador é uma ferramenta que colabora com o trabalho operacional da pesquisa, um *hardware* para processamento de informações e, atualmente, o uso de *softwares* em pesquisa qualitativa “parece ser socialmente aceito pela academia e a habilidade em utilizá-los, um importante ativo do pesquisador” (BANDEIRA-DE-MELO, 2010, p. 430).

Os programas de computador amplamente utilizados em pesquisas quantitativas realizam análises a partir do agrupamento ordenado e sistemático de dados, o mesmo não acontece na investigação qualitativa apoiada com o uso de *softwares*, pois, neste caso, eles só atenuam a carga de tarefas mecânicas subjacentes à análise qualitativa (BANDEIRA-DE-MELO, 2010). Essas atividades correspondem, principalmente, à organização e arquivamento de textos e possui como benefícios “mecanizar tarefas tediosas e complicadas na organização dos dados, tais como localizar e copiar segmentos de textos” (KELLE, 2012, p. 408), “tornar o processo de pesquisa mais sistemático e explícito, e por isso mais transparente e rigoroso” (KELLE, 2012, p. 408) e “liberar mais tempo, que pode ser empregado em tarefas mais criativas e analíticas” (KELLE, 2012, p. 409).

Bandeira-de-Melo (2010) corrobora a ideia de Kelle (2012) no sentido de afirmar os benefícios provenientes do uso de *softwares* na pesquisa qualitativa, mas apresenta algumas armadilhas que os pesquisadores podem cair, caso não estejam preparados para fazer uso dessas ferramentas, sendo elas: (i) recorte de dados primários fora de contexto, em que o pesquisador pode analisar apenas fragmentos de entrevistas e perder a proximidade com a realidade investigada; (ii) “a facilidade de criar códigos e gerenciar uma base de dados mais ampla também pode induzir o pesquisador a uma análise superficial” (BANDEIRA-DE-MELO, 2010, p. 436); (iii) os softwares não são metodologicamente neutros, possuem vínculo com as epistemologias daqueles que os desenvolveram, mas possuem flexibilidade; (iv) há custos para aprendizagem e preparação dos dados nos programas; (v) possibilidade de tensões entre pesquisadores que compartilham tarefas em um mesmo projeto; (vi) “o elemento humano é fundamental, desde a coleta até a análise dos dados” (BANDEIRA-DE-MELO, 2010, p. 438).

Tentativas de predição para um cenário futuro da pesquisa qualitativa podem levar a afirmações infundadas ou mesmo à geração de expectativas irreais, mas o que Gergen e Gergen (2006, p. 367) apontam é algo que merece ser exposto como perspectivas que corroboram tendências percebidas pelos autores ao buscar compreender o campo das abordagens qualitativas que, como afirmam, “está repleto de entusiasmo, criatividade, efervescência intelectual e ação”.

O primeiro aspecto levantado pelos autores é o que chamam de crise da validade, oriunda da proximidade – o quão próximo seria – dos relatos científicos às construções do mundo. Torna-se crítica à tentativa de sua representação objetiva, pois a ênfase empírica dos comportamentos quantificáveis ignora a compreensão humana e as experiências particulares dos sujeitos, tanto pesquisadores quanto pesquisados, e a abordagem qualitativa busca ir na direção de analisar aquilo que não é quantificável, e as narrativas derivadas desses estudos “inserir-se dentro dos processos de construção do sentido de comunidades situadas histórica e culturalmente” (GERGEN; GERGEN, 2006, p. 369).

O esforço no sentido de responder às críticas da validade dos relatos qualitativos desencadeou diversas inovações metodológicas que apóiam a abordagem qualitativa, conforme afirmam Gergen e Gergen (2006), tais como a **reflexividade**, um binário sujeito/objeto, ambos confrontando-se durante o relato, uma reflexão sobre a reflexão, em que o pesquisador aparece mais em seu texto, destacando o que seria sua presença direta e o que seriam as interpretações derivadas de análise, situando-se histórica, cultural e pessoalmente. As **múltiplas vozes**, relatos em que os sujeitos investigados são convidados a relatar suas próprias interpretações da pesquisa e, assim, podem ser confrontadas as diversas opiniões. O **estilo literário** diverso daquele hegemônico e hermético da ciência, que podem assumir formas de poesia, romance, ficção ou até mesmo a autobiografia. A **performance** que considera, para apresentação dos resultados de estudos científicos, diversas formas comunicativas de apresentação, tais como o teatro, o cinema, artes gráficas, vídeo, drama, dança e quaisquer outras que se adequem ao objeto relatado.

Apesar de justificar o aparecimento dessas inovações como tentativas de solucionar o problema da crise da validade na pesquisa qualitativa, Gergen e Gergen (2006, p. 372) afirmam que não há consenso na consideração dessas novas explorações como enriquecedoras ou desgastantes há “grande inquietação entre alguns pesquisadores qualitativos com o abandono dos padrões científicos convencionais” e essas experiências com palavras e linguagens pode ser carregadas de emoções e enviesar os resultados nos relatos do estudo. Ao que Flick (2004) acrescenta o debate sobre a pesquisa qualitativa como arte ou método, tensão que, para ele, não acrescenta muito e que não retorna à similar tensão dos dogmas, confrontando ciência e religião, ao que deveria ser entendida apenas como arte e método, complementares. Bogdan e Biklen (1994) também corroboram essa ideia e afirma que os cientistas sociais têm muito a aprender com romancistas e ensaístas. Porém, chega-se a um impasse evidente quanto a esse debate no que tange à validade dos relatos qualitativos,

[...] aqueles que se dedicam ao trabalho como se suas descrições e explicações fossem reflexões transparentes de seu tema não têm qualquer razão fundamental para essa postura. Mostram-se vulneráveis a um grande número de lógicas desconstrutivas. Porém, aqueles que encontram defeitos nessa tradição acabam não tendo meios de justificar sua crítica. (GERGEN; GERGEN, 2006, p. 373).

As sugestões apresentadas por Gergen e Gergen (2006, p. 374) seriam: trabalhar na reconceituação de conceitos, refletir sobre as práticas metodológicas a partir de suas novas

perspectivas e, também, situar os conceitos, “a ‘verdade’ localizada dentro de certas comunidades em determinadas épocas e empregada como um indicador para representar a condição destas”. A arena metodológica seria, então, ampliada por pesquisas que visassem à capacitação de sujeitos, a pesquisa-ação revigorada, na tentativa de incluir os sujeitos nos resultados científicos, diminuindo a distâncias que os separa após a conclusão do estudo. No mesmo sentido, as representações conjuntas, oferecendo vozes e participação ativa aos sujeitos pesquisados e as representações distribuídas, com diferentes vozes e participações de diferentes sujeitos, delineadas nos relatos da pesquisa.

Como agenda para o novo século recentemente iniciado, Gergen e Gergen (2006) indicam as inúmeras possibilidades que as tecnologias da informação possibilitam aos investigadores que, para os autores, ainda não foram abordadas suficientemente em estudos com essa temática e a possibilidade de laboratórios qualitativos, análogos às práticas experimentais, um mundo virtual em que seria possível simular ambientes sociais e investigar as relações entre seus participantes, “o poder inovador que está mudando a cara das ciências sociais” (GERGEN; GERGEN, 2006, p. 385).

7 Apontamentos Finais

A abordagem qualitativa, atualmente, situa-se em diversos paradigmas e perspectivas de pesquisas. Posicioná-la em apenas um ou outro conjunto de pressupostos epistemológicos, ontológicos, teóricos e métodos parece diminuí-la em sua complexidade, além de desfavorecer a multiplicidade paradigmática dos estudos organizacionais, característica essencial deste campo de conhecimento das ciências sociais.

Destarte este fato, de cunho paradigmático, comparar a pesquisa qualitativa ou as ciências sociais a uma ciência inferior, uma *soft science*, é um problema a ser continuamente e constantemente enfrentado e, apesar de sua solução, aparentemente, ainda não estar claramente alcançada, considera-se que este campo tem avançado no sentido de prover suporte àqueles que engendram neste caminho.

Em referência à dicotomia quantitativo-qualitativo, entende-se que não há necessidade de separação tão profunda destas duas abordagens, possibilitando, inclusive uma complementaridade de uso. Contudo, aos pesquisadores que intentam realizar estudos empregando múltiplas abordagens, cabe ressaltar a relevância da triangulação adequada a responder a questão e ao objeto de estudo, sem deixar de lado posições epistemológicas, ontológicas e paradigmáticas comensuráveis.

Após apresentar inovações metodológicas e novas perspectivas para a abordagem qualitativa, Gergen e Gergen (2006) consideram que há possibilidade de ampliação da utilização dessas inovações, o que abre espaço, inclusive para estudos bibliométricos que intentem investigar o panorama atual do uso desses recursos ou mesmo da abordagem qualitativa em áreas específicas ou gerais das ciências da administração.

Considera-se, então, a abordagem qualitativa não só com uma opção para o delineamento e desenvolvimento da pesquisa, mas um campo de estudos científicos que deve ser tratado como um objeto, abrindo espaço para outras pesquisas que aprofundem esta discussão, que não foi iniciada neste texto, mas que permanece atual no âmbito das ciências sociais e, particularmente, dos estudos organizacionais.

Referências

- BANDEIRA-DE-MELO, R. Softwares em pesquisa qualitativa. *In*: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais** – paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2010.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAMPOMAR, M. C. Do uso de “estudo de caso” em pesquisa para dissertações e teses em administração. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 95-97, jul./set., 1991.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração** – um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa** – teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- EINSENHARDT, K. M. Building theories from case study research. *In*: HUBER, G. P.; VAN de VEN, A. H. **Longitudinal field research methods** – studying processes of organizational change. Thousand Oaks: Sage Publication, 1995. p. 65-90.
- FEYERABEND, P. **A ciência em uma sociedade livre**. São Paulo: Unesp, 2007.
- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- GASKELL, G.; BAUER, M. W. Para uma prestação de contas públicas: além da amostra, da fidedignidade e da validade. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Petrópolis: Vozes: 2002.
- GEERTZ, C. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GERGEN, M. M.; GERGEN, K. J. Investigação qualitativa – tensões e transformações. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa** – teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GODOY, A. A. Estudo de caso qualitativo. *In*: GODOY, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais** – paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006. Cap. 4. p. 115-146.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun., 1995.
- GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa. **Psicologia: teoria e prática**, vol. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago., 2006.
- IKEDA, A. A. Reflections on qualitative research in business. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 49-64, jul./set., 2009.
- KELLE, U. Análise com auxílio de computador: codificação e indexação. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Petrópolis: Vozes: 2012.
- KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa** – teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.
- MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass Inc. Publishers, 1998.



IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2014)

- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social** – teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 9-28.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993.
- PAIVA JÚNIOR, F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, set./dez., 2011.
- PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluation methods**. London: Sage Publications, 2002.
- POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1999.
- SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos** – métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.
- STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000. p. 435-454.
- TEIXEIRA, E. B. A análise de dados na pesquisa científica – importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**. Ijuí (RS), ano 1, n. 2, p. 177-201, jul./ago., 2003.
- VERGARA, S. C.; CALDAS, M. P. Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 4, p. 66-72, out./dez., 2005.
- VIEIRA, M. M. F.; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 1, p. 50-70, jan./mar., 2006.
- VILLARDI, B. Q.; VERGARA, S. C. Implicações da aprendizagem experiencial e da reflexão pública para o ensino de pesquisa qualitativa e a formação de mestres em administração. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 5, p. 794-814, set./out., 2011.